

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 24
NÚMERO 2
(JAN-JUN)
2016
PP. 96-109.

O COMPÊNDIO DE HISTÓRIA DO BRASIL E SEU LEITOR: SUAS MARCAS DE LEITURA

(THE HISTORY COMPENDIUM OF BRAZIL AND HIS READER: HIS READING MARKS)

DRA. JULIANA RICARTE FERRARO

Professora de História da Universidade Federal do Tocantins
juferraro@hotmail.com

RESUMO: O artigo apresentado trata sobre as marcas de leitura no livro didático de autoria de José Antônio Borges Hermida, o Compêndio de História do Brasil (1962-1975). As interações entre o leitor e o livro, materializados em intervenções diretas nas páginas do livro lido pelo seu leitor, através das anotações à margem, palavras grifadas, páginas dobradas e cortadas, deixando registros que nos fornecem indícios sobre as formas dos usos do livro, assim como as práticas de leitura e as práticas de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Marcas de leitura, Borges Hermida, Livro didático, Leitor e Práticas de Leitura.

ABSTRACT: The paper presented deals with reading marks in the textbook authored by José Antônio Borges Hermida, the Compêndio de História do Brasil (1962-1975). The interactions between the reader and the book, materialized in direct interventions in the pages of the book read by your reader through the marginal notes, italicized words, folded and cut pages, leaving records that give us clues about the shapes of the book uses as well as the practices of reading and teaching-learning practices.

KEYWORDS: Reading Brands, José Antônio Borges Hermida, Textbook, Reader and Reading Practices.

Este artigo é parte dos meus estudos e pesquisas realizadas no doutorado em Educação, o qual defendi em 2013 na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), mas que não foi um texto incorporado à tese final apresentada. Assim, inédito até o momento.

Minha tese surgiu de um levantamento bibliográfico para o projeto de doutorado e que me apontou para a inexistência de estudos específicos sobre José Antônio Borges Hermida, embora tanto o autor como o seu *Compêndio de História do Brasil* para o curso médio tenham sido amplamente utilizados como fontes para diversas pesquisas. A importância deste autor e a ausência de tais estudos representavam uma lacuna a ser preenchida pela eleição de material por ele produzido como objeto e fonte para um trabalho dedicado não somente à História da Educação e à História do Ensino de História, mas também à História do Livro, mais especificamente à História do Livro Didático e da Leitura.

Tal constatação possibilitou que uma proposta básica fosse delimitada e o projeto de pesquisa firmou-se pelo caminho da análise e da reflexão sobre o ensino e a produção do conhecimento escolar de História aportados pelo texto e pelas imagens presentes no *Compêndio de História do Brasil*, de Borges Hermida,

editado pela CEN entre os anos de 1962 e 1975, finalizando com o meu doutoramento através da tese: *Entre textos e imagens: o compêndio de história do Brasil de Borges Hermida (1962-1975)*.

Da autoria à edição final e, enfim, a distribuição para o consumo, de forma simplificada são estas as etapas pelas quais passa o livro antes de chegar ao seu leitor, que lhe atribuirá a sua mais importante função: o uso através da leitura. Roger Chartier (1996) nos alerta, entretanto, que existem inúmeras maneiras de ler e compreender um texto e que se faz necessário “reconhecer a pluralidade das leituras possíveis do mesmo texto, em função das disposições individuais, culturais e sociais de cada um dos leitores” (1996, p. 98).

As leituras são múltiplas, e de certa forma inaugura novas práticas singulares, que vai além do ato de ler, mas compõe usos e práticas de leituras que são elementos de uma construção de práticas escolares diversas. Segundo Munakata (2012, p. 185-186)

[...] Em suma, a escola institui um espaço e uma temporalidade que não se reduz, como espelho ou reflexo, à sociedade que a contém, mas inaugura práticas e cultura que lhe são específicas. O livro didático, portanto, deve se adequar a esse mercado específico. Isso

significa que a escola, tomada como mercado, determina usos específicos do livro (didático), também mediados pela sua materialidade. O termo “uso”, empregado por Lajolo (1996), não é por acaso: o que na escola se faz com o livro didático não cabe na simples palavra “leitura”. Certamente é para ser lido, mas essa leitura pode ser silenciosa ou em voz alta, individual ou coletiva; o seu texto pode ser copiado na lousa ou no caderno; suas páginas podem ser rabiscadas, os exercícios e pesquisas que sugere são realizados (às vezes, à revelia do próprio professor); é transportado da casa à escola, da escola para casa; etc. – cada atividade implicando práticas escolares diversificadas.

Chartier (1996, p. 78) afirma que os múltiplos significados que podem ser extraídos da leitura de um livro, a depender de cada indivíduo e de cada situação, são resultado de várias intervenções em todas as suas etapas constitutivas, do autor ao impressor:

Pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que

indica a justa compreensão de seu texto, mas também, pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo.

O livro escolar, segundo Choppin (2009, p. 64), distingui-se entre duas categorias como produto: os produzidos intencionalmente, reconhecidos pelo autor ou editor, para o uso escolar e os que não foram concebidos para esta finalidade, mas que passam a adquirir uma dimensão escolar pelo uso.

Os livros escolares como o *Compêndio*, que estão na categoria daqueles produzidos especificamente com finalidade didática, podem apresentar funções distintas, dependendo dos espaços em que são utilizados e de seus leitores. Assim como o fez Choppin (2009, p. 35-36), recorrendo ao estudioso britânico Ian Michael (1979), podemos atribuir ao livro escolar e didático a qualidade de um produto que transita livremente entre a categoria para qual foi especialmente produzido, a de livro escolar, assim como circula por espaços não escolares, sendo igualmente utilizado por estudantes e outros interessados em geral pelos seus conteúdos.

Devem os livros caracterizarem-se pela possibilidade de oferta de práticas plurais de leitura em seu uso. Cada leitor deixa no livro, enquanto objeto material, suas próprias marcas: são frases destacadas, anotações à margem, palavras grifadas, páginas dobradas. Tais marcas, além de demonstrar a dessacralização do objeto, indicam que são individuais as práticas de leituras e as relações de cada pessoa com o livro.

Para Jackson (2001), cada anotação registrada em um livro é única, pois expressa um impulso ou uma reação ao livro e oferece personalidade e identidade ao objeto impresso. Este registro pessoal feito à margem do texto pelo seu leitor é, segundo Jackson (2001), um produto da interação entre ambos, chamado de “Marginália”. As “Marginálias” são registros que fornecem indícios sobre as formas de utilização do livro.

O significado das palavras escritas a lápis, os trechos grifados, uma pequena indicação do assunto tratado na página, um “X” que marcaria o ponto de parada da leitura ou mesmo uma palavra “fim” no rodapé da página, são alguns exemplos das marcas de leitura encontrados no *Compêndio* de Borges Hermida.

É comum encontrar as marcas dos pontos a serem estudados ou que haviam sido explicados pelos professores. Eram marcas com ‘X’, trechos excluídos com um ‘não’. Podemos, por estas informações dos próprios alunos, nos certificar em que medida uma disciplina cumpria o programa determinado oficialmente. As marcas dos ‘pontos’ ou ‘ligações’ contidas em vários livros de História Geral, por exemplo, indicaram que o curso não ultrapassava o tempo medieval. (BITTENCOURT, 1993, p. 336).

No caso dos exemplares analisados do *Compêndio*, tais indícios se evidenciam em algumas palavras escritas em suas páginas pelos alunos que os utilizaram: “Estudar”, “Sabatina”, “Até aqui”, “Não entra”, “Leitura”, “Não” e “Sim”. São marcas de como seu uso, por parte de alunos e professores, se concretizou em sala de aula e nos estudos individuais.

Em uma das diversas edições pesquisadas encontrou-se, entre suas marcas e anotações, o registro de uma das formas de utilização que teria tido aquele exemplar no espaço escolar, o “Debate” (Figura 01), um recurso didático não usual naquela época, pautada por métodos mais tradicionais de ensino e de avaliação escolar, como a “Sabatina” que o aluno deixou marcada

na mesma página. O “Debate” registrado por aquele aluno permite deduzir que novas metodologias de ensino de História já eram introduzidas em salas de aula naquele período.

The image shows a page from a book titled 'BRASIL INDEPENDENTE'. It contains a table of contents with three main sections: '1 - O Primeiro Reinado', '2 - As Regências', and '3 - A Política Interna do Segundo Reinado'. Each section lists sub-topics and page numbers. Handwritten annotations in blue ink are present: 'Debate' is written next to item 1) 'A Guerra da Independência 195'; 'Sabatina' is written next to item 5) 'As Regências Trinas 221'. There are also some other faint markings.

BRASIL INDEPENDENTE	
1 - O Primeiro Reinado	
1) A Guerra da Independência 195	Debate
2) As Lutas Internas 200	
3) Política Externa do Primeiro Reinado 206	
4) A Abdicação 212	
2 - As Regências	
5) As Regências Trinas 221	Sabatina
6) A Regência de Feijó e de Araújo Lima 226	
3 - A Política Interna do Segundo Reinado	

Figura 01: “Debate” e “Sabatina”.

Fonte: HERMIDA, Borges. *Compêndio*. 1966, p.12. Arquivo Particular.

Marcas indicando a realização de “Sabatinas” – arguições orais, individualizadas, realizadas pelo professor para verificação do aprendizado, em forma de revisão do conteúdo – são as mais comumente encontradas nas páginas das diversas edições do *Compêndio*. Tais registros denotam que o uso do livro

estava em consonância com a metodologia do ensino de História praticada até os meados dos anos 1980, na maioria das escolas brasileiras.

Um dos alunos pesquisados para este trabalho, lembra-se com clareza das sabatinas de História quando estudou através do livro de Borges Hermida, assim como com outros livros didáticos: ainda guarda a lembrança dos estudos e das diversas leituras, a fim de “decorar toda a matéria da sabatina” e do medo pela repreensão pública, em suas palavras “da bronca do professor na frente de todo mundo”, pois o bom aluno deveria saber “de cor” toda a “lição” ensinada, repetindo oralmente o texto escrito.

As marcas dos estudos e leituras realizados aparecem em pequenos grifos de palavras e conceitos e em pequenas anotações de conteúdo e de significado de palavras (vocabulário) (Figura 02), confirmando as informações de outro aluno entrevistado que se recordou de fazer anotações referentes a “palavra novas e palavras chaves”.

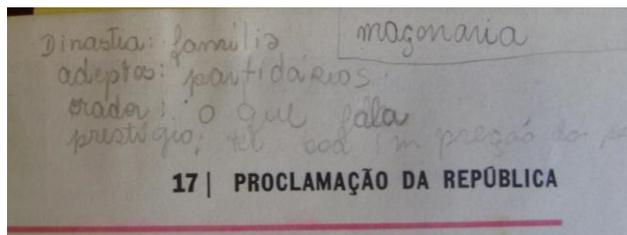


Figura 02: “Vocabulário”

Fonte: HERMIDA, Borges. *Compêndio*. 1975, p. 265. Arquivo Particular.

Outra forma de uso do *Compêndio* reafirma as práticas tradicionais de ensino, com a aplicação e a realização dos ‘Questionários’ e/ou ‘Exercícios’, após a leitura e a explicação da matéria, em uma produção serial de aprendizagem, concluindo-se, em uma sequência lógica de ensino, na verificação da retenção das informações conteudistas. Para os professores entrevistados, tanto os “Resumos” quanto os “Questionários” procuravam facilitar os trabalhos do professor e garantir os objetivos de apreensão dos conteúdos ministrados.

Os exercícios apresentavam espaços e lacunas para as respostas, um modo de interação entre livro e leitor, conduzido pela editoração. Mesmo os questionários, que não apresentavam tais espaços

livres, eram respondidos pelo aluno no próprio livro. (Figura 03)

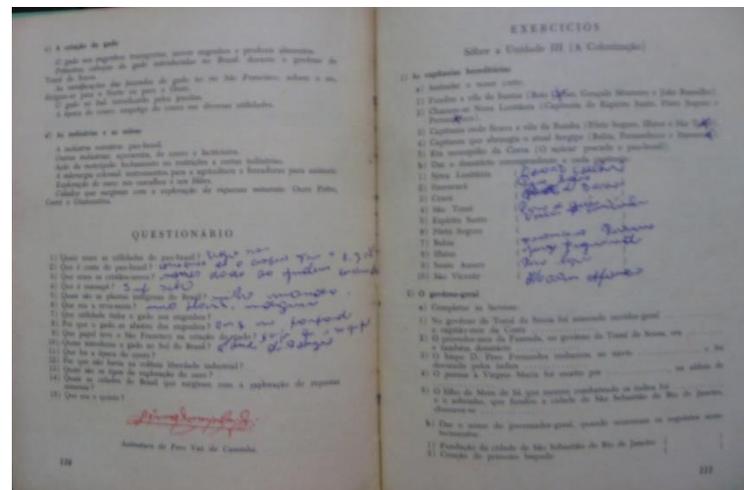


Figura 03: “Questionários” e “Exercícios”.

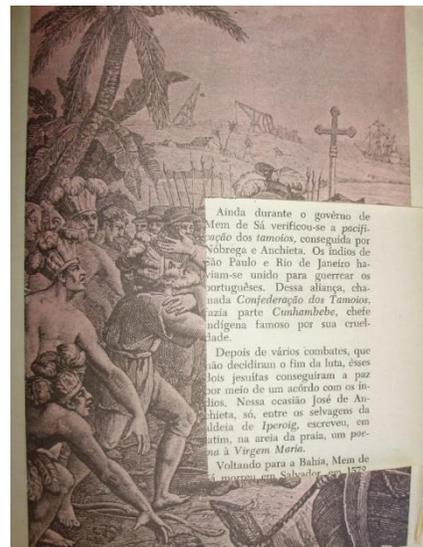
Fonte: HERMIDA, Borges. *Compêndio*. 1975, p. 265. Arquivo Particular.

Esta etapa do ensino da disciplina de História, representada pela realização dos exercícios e pelas respostas aos questionários, na maioria das vezes, era realizada em casa, como se pode constatar, em algumas das edições pesquisadas, através de anotações como: “Para casa”, “Dever de casa” ou “Fazer em casa”. Esta

prática identifica o espaço da sala de aula se estendendo para fora dos muros escolares e a casa como lugar de estudo, uma extensão natural da escola e de suas práticas.

A leitura do texto também pode ser um elemento que atribui diferentes funções ao livro didático, rompendo com a exclusividade de seu uso apenas no espaço escolar. Através das falas dos alunos entrevistados, constata-se que ocorriam leituras de pequenos trechos em sala de aula, mas que era em casa que toda a matéria deveria ser lida e estudada. Um dos professores entrevistados, assim relatou sobre a prática da leitura: “Durante as aulas, o livro servia principalmente como guia e somente trechos mais importantes, ou que pudessem apresentar mais dúvidas, eram lidos em voz alta por mim ou por algum dos alunos”.

Uma das práticas de uso que se verificou junto ao *Compêndio* foi a de recortar partes do livro, em especial as imagens, provavelmente para a ilustração de trabalhos escolares. Verificada em alguns dos livros, esta prática identifica a possibilidade de um uso realizado posteriormente, por parte de outros alunos, diferentes daqueles que os utilizaram em sala de aula em anos anteriores.



**Figura 04: Gravura *Chegada de Tomé de Sousa*.
Fonte: HERMIDA, Borges. *Compêndio*. 1968, p.84. Arquivo Particular**

Os recortes nos livros didáticos identificam seu uso imediatista, fato que ocorre até os dias atuais, e os caracteriza como objeto descartável. Esta característica do uso imediatista, que vem se mantendo através dos tempos, é representada pelo fácil descarte deste objeto, unanimemente realizado por alunos e professores. Entre os vários entrevistados, apenas um

dos professores guardou todas as edições que utilizou durante a década de 1970.

Segundo Circe Bittencourt (1996, p. 91), o livro:

Caracteriza-se igualmente por se constituir em um produto a ser consumido em tempo breve, de acordo com os ritmos das reformas curriculares, criando um paradoxo: possui uma grande tiragem de exemplares desde seu início, mas é pouco preservado, raramente encontrado em locais adequados [e], na maior parte das vezes, em péssimo estado de conservação.

A utilização do livro didático como o único recurso e também único referencial de ensino e aprendizagem é reafirmado nas entrevistas realizadas através de afirmativas como: “O livro era o meu único roteiro” e “Os livros sempre me acompanhavam em sala de aula e eram meu principal e único recurso”, “Os conteúdos [das aulas] eram os mesmos do livro, até na mesma ordem”, “O professor seguia as matérias do livro”. Estas manifestações também confirmam a manutenção do ensino tradicional conteudista.

O livro didático deve ter seu texto lido, apreendido e memorizado pelo leitor. As configurações

editoriais e a estrutura seriada atuam como condutoras do ensino, pretendendo eliminar outras práticas de leitura e outras formas de apropriação por parte de seus leitores, a não ser aquela pretendida por autores e editores.

Sobre a ortodoxia do texto imposta por seus autores, Chartier (1990, p. 12) afirma:

[...] umas são explícitas, recorrendo ao discurso (...) e outras são implícitas, fazendo do texto uma maquinaria que, necessariamente deve impor uma justa compreensão. Orientando ou colocando uma armadilha, o leitor encontra-se, sempre, inscrito no texto, mas por seu turno, este inscreve-se diversamente nos seus leitores.

Além do princípio de legibilidade e ritmo de leitura dado pela editoração do livro, o leitor rompe com as imposições pretendidas pelo objeto; na verdade, eles – leitor e livro – interagem compondo uma leitura pessoal, individual e única. Chartier (1990, p. 126-127) nos fala sobre a liberdade das leituras individuais, capazes de escapar inteiramente aos objetivos do autor:

Contra a representação [...] do texto ideal, abstrato, estável porque desligado de qualquer

O COMPÊNDIO DE HISTÓRIA DO BRASIL E SEU LEITOR: SUAS MARCAS DE LEITURA,
DE JULIANA RICARTE FERRARO

materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do “autor”; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor.

Um exemplo marcante da interação entre o leitor e o livro observa-se na mesma página, a de número 209, de dois exemplares distintos, edições de 1965 e 1968. Legendada como *Assinatura (sic) de homens ilustres do Brasil e da América*, a página reproduz dezenas de assinaturas e, entre elas, os alunos que utilizaram os livros firmaram as suas próprias: Roberto Teruo Watanabe (edição de 1965) assina uma única vez, utilizando-se de tinta de cor azul, diferente da vermelha utilizada na impressão do livro; e Reinaldo Chabbuh (edição de 1968) firma por três vezes a sua própria

assinatura, utilizando-se da mesma cor vermelha das assinaturas impressas no livro. (Figuras 05 e 06)

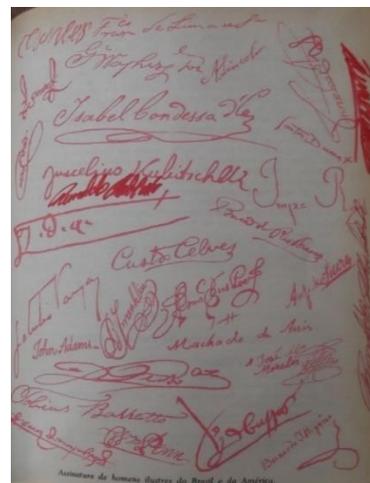


Figura 1: Assinatura do Aluno Roberto Teruo Watanabe entre as Assinatura (sic) de Homens Ilustres do Brasil e da América.
Fonte: HERMIDA, Borges. *Compêndio*. 1965, p. 209. Arquivo Particular.



Figura 06: Assinaturas do Aluno Reinaldo Chabbuh entre as Assinatura (sic) de Homens Ilustres do Brasil e da América. .
Fonte: HERMIDA, Borges. *Compêndio*. 1968, p. 209. Arquivo Particular.

A interação do leitor com as imagens é frequente e comum nas páginas dos livros didáticos. Dentre os exemplares do *Compêndio* que foram examinados para este trabalho, uma das intervenções mais encontradas é a alteração de imagens de figuras ilustres, numa espécie de dessacralização de mitos ou heróis. Ilustram perfeitamente esta situação as figuras 07 e 08, nas quais estão reproduzidas duas versões da mesma imagem de D. Pedro. A figura 07 traz a imagem original, conforme estampada nas diversas edições, enquanto que, na figura 08, a mesma imagem foi alterada pelo leitor que, além de tornar mais espessas a barba e o bigode, aumentou o volume da cabeleira, escondendo parte da testa do Imperador. Talvez pretendesse atribuir-lhe uma aparência mais jovem.



Figura 07: Desenho “limpo” de D. Pedro.
Fonte: HERMIDA, Borges. *Compêndio*. 1965, Capa. Arquivo Particular.

Figura 2: Desenho de D. Pedro com intervenção
Fonte: HERMIDA, Borges. *Compêndio*. 1964, Capa. Arquivo Particular.

Outras intervenções, de todas as espécies e quase sempre sem que se possa identificar um objetivo além de uma simples brincadeira, também são encontradas em diversas imagens como, por exemplo, na Figura 09, em que novos contornos foram introduzidos nos olhos e na boca dos indígenas retratados nas gravuras de Rugendas.



Figura 09: Tipos Indígenas (Desenhos de Rugendas).
Fonte: HERMIDA, Borges. *Compêndio*. 1966, p.58. Arquivo Particular.

Circe Bittencourt (1993) nos lembra que o ato de ler nem sempre foi praticado da mesma forma ao longo do tempo.

Fazer a história da leitura implica em rever o problema do livro e seu caráter ambíguo. Proposto, em geral, para cimentar a uniformidade de pensamento, divulgar determinadas crenças, inculcar normas, regras de procedimento e valores, o livro pode também criar as diferenças porque a leitura que se faz nele ou dele, nunca é única. A leitura de um livro é ato contraditório e estudar seu uso é fundamental para o historiador compreender a dimensão desse objeto cultural. (BITTENCOURT, 1993, p. 5)

O exercício de sua liberdade, praticado pelo leitor em sua interação com o livro, abre a possibilidade de construção de infinitos significados para o texto: as diferentes práticas de leitura, o histórico individual e o momento presente vivido por cada leitor impõem aspectos e resultados, muitas vezes, inimagináveis por seus autores.

O livro didático, visualizado e analisado através das práticas da leitura e seus usos, confirma seu papel

como homogeneizador do conhecimento escolar, como reforço de métodos de ensino memorialistas e conteudista, em uma leitura escolar prescrita, na qual eventuais “desvios” não evidenciam ruptura na construção do conhecimento homogêneo pretendido pela obra.

De acordo com Chartier (1996, p. 42), a produção dos livros e manuais didáticos esmera-se em garantir que seus conteúdos sejam compreendidos sempre da mesma maneira por todos os leitores:

[...] o autor, o comentarista e o editor sempre pensam que o leitor pode ser submetido a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura “autorizada”, ou seja, imaginam poder guiar as escolhas e o entendimento de quem pratica a leitura. No caso dos manuais escolares, tal preocupação é particularmente forte, já que se pretende disseminar conteúdos que devem ser aprendidos de forma idêntica por todos os estudantes.

João Bueno (2011, p. XXVI) afirma que o processo de repetição de símbolos, fórmulas e esquemas é um recurso estratégico destinado a criar segurança no leitor:

São séries de elementos gráficos que se repetem ao longo de todos os capítulos dos livros da coleção, apresentando as mesmas formas de diagramação das imagens visuais e os mesmos signos, os quais servem para indicar as atividades que devem ser realizadas pelos leitores. Isso produz uma sensação de segurança no leitor, porque ele se apropria desse saber produzido pelos autores e editores. E, quando lhe é proposto seguir a leitura dos próximos capítulos do livro didático, ele pode reproduzir os mesmos padrões de leitura já aprendidos.

As edições utilizadas nesta pesquisa foram, em sua maioria, encontradas e adquiridas em sebos, em diversas localidades, e nos revelam várias dessa faceta transgressora das “normas rígidas e das formas estabelecidas pelos alunos em relação ao livro”. (BITTENCOURT, 1996, p. 103)

Os registros deixados em muitos dos livros apontam para diversas formas de intervenções dos alunos: como suporte para sua criatividade artística, a exemplo das alterações introduzidas nas imagens de personalidades; como apoio para o registro de momentos de alienação e devaneio em relação aos

estudos e às aulas, como os mais variados desenhos – flechas, corações, figuras geométricas, flores, sol, além de seus próprios nomes – distribuídos entre as páginas do *Compêndio*; e, também, com marcas e apontamentos relacionados aos estudos e às atividades próprias da vida escolar.

Dentre estas, destacam-se algumas marcas de leitura e uso que são reafirmações do próprio texto, reiterando o conhecimento histórico escolar produzido pelos autores, corroborando uma leitura disciplinada e reprodutora dos saberes e ideologias dominantes. O melhor exemplo deste tipo de intervenção é a frase escrita por uma aluna na primeira folha do *Compêndio*: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever” (ANÔNIMO, In: HERMIDA, 1975, folha de rosto). (Imagem 10)

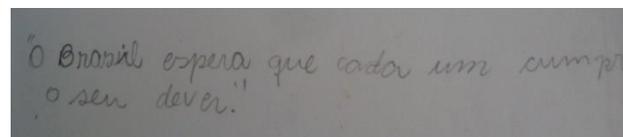


Figura 10: Frase de Anônimo.

Fonte: HERMIDA, Borges. *Compêndio*. 1975, folha de rosto. Arquivo Particular.

As frases sobre os entendimentos, o grifo das palavras importantes, as datas anotadas ao lado dos “pontos” e das unidades estudadas, são registros de leituras dirigidas e disciplinadas que indicam que escolas e professores, em sua maioria, tentavam levar a cabo e cumprir o programa oficial para a disciplina.

Como marcas de sua propriedade, entre os livros estudados e pesquisados encontramos quase sempre o nome do aluno, a cidade e o ano em que foi utilizado. Tais registros permitiram observar que muitos exemplares produzidos na década de 1970 foram utilizados em diversas localidades, como Ribeirão Preto, São Paulo, Campinas, Curitiba e Recife, ainda durante os anos 1990. Tal fato demonstra que, não obstante seu caráter imediatista, sua permanente necessidade de alterações para atender às diversas legislações e programas oficiais, além de seu aspecto de produto descartável, o *Compêndio* de Borges Hermida conseguiu ultrapassar estas limitações e alcançar, certamente de modo reduzido e limitado, leitores não sonhados por seus autores.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. “Práticas de Leitura em Livros Didáticos”. In: **Revista da Faculdade de Educação**. USP, São Paulo, v. 22, nº 1, p. 89-110, jan/jun, 1996.

BITTENCOURT, C. **Livro didático e conhecimento histórico**: uma história do saber escolar. Tese de doutorado em História Social, São Paulo, FFLCH/USP, 1993.

BUENO, J. B. **Imagens visuais nos livros didáticos**: permanências e rupturas nas propostas de leituras (Brasil, décadas de 1970 a 2000). Tese de Doutorado em Educação, Campinas/SP: FE/UNICAMP, 2011.

CHARTIER, R (org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Brasil: Bertrand, Lisboa: Difel, 1990.

CHOPPIN, A. “O manual escolar: uma falsa evidência histórica”. In: **História da Educação**. Pelotas: ASPHE, v.13, n. 27, pp. 9-75, 2009.

FERRARO, J. R. **Entre textos e imagens: o compêndio de**

história do Brasil de Borges Hermida (1962-1975). Tese de Doutorado em Educação, São Paulo (SP): FE/USP, 2013.

HERMIDA, J. A. B. **Compêndio de História do Brasil para as 1ª e 2ª séries do Curso Médio.** São Paulo: Companhia Editora Nacional. (1962 a 1975)

JACKSON, H. J. **Marginalia, Readers writting in books.** New Haven: Yale University Press. p. 81-100, 2001.

MICHAEL, I. “The Historical Study of English as a Subject; a preliminary inquiry into some questions of methods”. In: **History of Education: Journal of the History of Education Society.** London, v. 8, nº 3, p. 193-206, 1979.

MUNAKATA, K. “O livro didático: alguns temas de pesquisa”. In: **Revista brasileira de História da Educação.** Campinas, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.

Recebido em: 01/07/2016

Aprovado em: 14/07/2016

Publicado em: 06/08/2016